

## 6

### Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Carla. *As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia*. In: Revista Educação e Pesquisa. v.27. n.1. São Paulo. 2001.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 19ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

BOLOGNESI, Mário Fernando. *O circo Civilizado*. Disponível em: <http://sitemason.vanderbilt.edu/files/gkif6w/Bolognesi%20Mrio%20Fernando.pdf> acessado em 21/09/2005

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução – Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1975.

BRANDÃO, C. R. *O outro, esse desconhecido. Identidade e etnia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

CAPELO, Maria Regina Clivati. Diversidade sociocultural na escola e a dialética entre exclusão/inclusão. In: GUSMÃO, Neusa Maria M. de (org.) *Diversidade, cultura e educação*. São Paulo: Editora Biruta, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro, DP&A Ed.: 2001

DAUSTER, Tania. Entre a antropologia e a educação: A produção de um diálogo imprescindível e de um conhecimento híbrido. in: ILHA *Revista de Antropologia*. Programa de pós-graduação em Antropologia Social, UFSC, 2005.

DUBAR, Claude. *A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora, 1997.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso In: *Revista Brasileira de Educação* 10, 1999.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A., 1979.

Paulo Freire (1997) *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra

GARCIA, Pedro Benjamim. *Sempre dá para fazer uma pirueta com a esperança: Uma experiência educativa do Se essa rua fosse minha*. Rio de Janeiro, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. 28ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

MALINOVSKI, B. Tema, método e objetivo desta pesquisa In: *Desvendando máscaras sociais*. Editora Francisco Alves (Alba Zaluar org.), 1990.

MARCONI, Maria de A., PRESOTTO, Zelia M. N. *Antropologia: Uma introdução*. São Paulo: Editora Atlas, 1986.

- MARX e ENGLES. *Sobre literatura e arte*. 3ª ed. São Paulo: Global Editora, 1986.
- MAUSS, M. As técnicas corporais in *Sociologia e antropologia*. Vol IIEPU e EDUSP, São Paulo, 1974.
- MORA, Ferrater. *Dicionário de Filosofia* Vol. 1. São Paulo: Editora Loyola, 2000.
- OLIVEIRA, Roberto C. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP/ Paralelo 15, 1998.
- ROCKWELL, Elsie (org.) *Pesquisa participante*. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.
- SARMENTO, Manoel Jacinto. *O Estudo de caso etnográfico em educação* In: Itinerários de pesquisa Perspectivas em Sociologia da Educação (Rita Amélia T. Org.) Rio de Janeiro, DPA, 2003.
- SILVA, Tomas Tadeu. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.
- SIMMEL, G. O estrangeiro In: *Simmel: Sociologia*. (Evaristo de Moraes Filho org.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- SHULTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

## **ANEXOS**

## **Anexo 1**

### DOCUMENTOS UTILIZADOS NA ANÁLISE DOCUMENTAL

Conceitos Norteadores da Proposta Metodológica

Justificativa

Metodologia do Circo Social do SER

Projeto do Dando Bola

Resumo Histórico

Tutela e Autonomia

Na internet:

[www.seessaruafosseminha.org.br](http://www.seessaruafosseminha.org.br)

## Anexo 2

# **Dando Bola pra Vida**

## **Núcleo de Atividades e Convivência Comunitária –**

### **Complexo Cerro Corá**



## **1. Objetivos do PROJETO**

### **1.1 Objetivo Geral:**

Numa perspectiva de melhora na qualidade de vida de Crianças, Adolescentes e Jovens da comunidade do complexo Cerro Cora, o projeto objetiva promover e fortalecer o protagonismo das mesmas e de suas famílias, apoiando e estimulando a organização comunitária, criando espaços de convivência e integração social e comunitária ampliando a sua capacidade de intervenção no debate pela implementação de políticas públicas de garantia integral de direitos e acesso a bens e serviços públicos, bem como desenvolver estratégias alternativas de organização para o trabalho.

### **1.2 Objetivos Específicos**

- Aprofundar o conhecimento das comunidades quanto a suas necessidades, potencialidades, problemas e motivos dos mesmos, visando a integração delas ao processo de construção coletiva do projeto.
- Articular os diversos atores da comunidade na elaboração conjunta do planejamento estratégico e operacional do projeto bem como na sua gestão.
- Incluir 230 crianças, adolescentes e jovens nas diversas atividades (oficinas de artes, núcleo de atividades e convivência comunitária, cursos, etc.) oferecidas pelo projeto.
- Criar, em conjunto com as famílias, espaços permanentes de reflexão e formação, objetivando o desenvolvimento comunitário.
- Articular com os diversos atores locais e externos, uma rede de defesa dos direitos das crianças e adolescentes.

## 2. Grupo Alvo

### 2.1 Grupo Alvo Prioritário Direto a ser beneficiado com o projeto:

- Crianças, adolescentes e jovens na faixa de 7 a 20 anos, em atividades diárias de Artes Esportes, Cultura e Educação, nos Núcleos de Convivência (120 vagas) .
- Famílias, nas atividades semanais de convivência e nos Grupos Operativos (50 vagas).
- Crianças e jovens, em oficinas de artes semanais nas escolas públicas e creches da comunidade (80 vagas).
- Crianças, adolescentes e jovens nas oficinas de informática e cidadania (40 vagas)
- Professores de ensino básico das escolas públicas da comunidade nas oficinas de artes na escola (20 vagas).
- Líderes comunitários em cursos de formação e gestão comunitária (20 vagas).
- Jovens multiplicadores, em curso de Jovens lideranças em Direitos Humanos, Saúde Social e Arte Educação (20 vagas).

### 2.2 Grupo Alvo Prioritário Indireto a ser beneficiado com o projeto:

- 150 Famílias através de visitas familiares de integração com as crianças, adolescente do Núcleo de Atividades Comunitária.
- 200 Crianças, adolescentes e jovens através das famílias atendidas.
- 03 Associações de moradores nos cursos de gestão e formação de lideranças comunitárias.
- 02 Escolas públicas da comunidade através das oficinas de arte na escola envolvendo alunos e professores.

### 3. Justificativa

“Estamos ensinando eles não só a se equilibrar no monociclo, mas também a se equilibrar na vida”

*Marco Aurélio, Arte Educador do Circo Social do Se Essa Rua, Ex-menino de rua.*

As precárias condições materiais de vida encontradas no Complexo de favelas Cerro Cora, levantadas em recente pesquisa da Prefeitura da Cidade, cujos indicadores constituem um dado objetivo inegável, nos alertam para a necessidade de uma ação efetiva de garantia de direitos para as crianças e adolescentes que ali moram. Contudo, é comum encontrarmos projetos se perderem na idéia de melhorar apenas as condições materiais de vida, oferecendo a essas “pessoas carentes”, ora alimentos ou subsídios materiais, ora treinamento para inseri-las num suposto mercado de trabalho que, de fato, não está preparado para recebê-los, reproduzindo assim, enquanto naturaliza relações sociais de dependência, a lógica da exclusão.

Entretanto, nossa experiência junto às crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, nos mostrou uma realidade totalmente diferente: um enorme potencial humano de criatividade e de valores de integração social permite a subsistência e outorga à vida dessas pessoas um que de dignidade.

Ao mesmo tempo em que é urgente responder às necessidades de sobrevivência e inclusão das Crianças e Adolescentes de classes populares, que vivem abaixo da linha de pobreza, é fundamental oferecer **espaços que estimulem a capacidade criadora**, que tira da vida o amargor da sobrevivência e vai adicionando o sabor de que a humanidade vale a pena, e a certeza de que a vida é (re) inventada a cada momento. Porque estes sujeitos não devem apenas ocupar o seu lugar na “cadeia alimentar” mas serem compreendidos como atores potenciais na construção de um novo sentido de libertação civilizatória.

Mesmo a pesquisa revelando pouca participação da população em órgãos de associativismo comunitário, as famílias têm profunda vocação para ações de solidariedade. Haja vista por exemplo o agrupamento de famílias nos finais de semana para ajudar na colocação da laje na casa de vizinhos, terminando sempre unindo todos num grande almoço comunitário.

Outra potencialidade é a capacidade de criar alternativas de sobrevivência a partir da venda de pequenos produtos e “negócios de fundo de quintal”, o que poderia ser trabalhado numa perspectiva de microcréditos e pequenas cooperativas.

Por fim, um potencial latente principalmente nas crianças, jovens e adolescentes, é uma profunda vocação para respostas criativas a partir das artes; uma inata capacidade de respostas psico-corporais que aparecem na capoeira, na dança, no

futebol, na música, nas atividades manuais dos diversos artesanatos e na (re) invenção do dia-a-dia através do teatro e do Circo Social.

Essas competências são elementos fundamentais na parceria e na sinergia com o público alvo dentro de uma metodologia participativa que visa o empoderamento e autonomia dos principais sujeitos da ação.

A maior novidade do paradigma apresentado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei 8069/90) está na afirmação e garantia de direitos universais e na responsabilidade social compartilhada pela criação de condições favoráveis ao desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens independente de sua condição social.

Coerente com este paradigma, a peculiaridade deste projeto está em sua perspectiva **de criar e fortalecer espaços de convivência comunitária, capazes de aumentar a qualidade de vida e a participação das famílias e da comunidade na gestão das decisões relativas à proteção e garantia de direitos das crianças, adolescentes e jovens.**

Esta abordagem tem como centralidade o **fortalecimento da capacidade de expressão, da criatividade e da autonomia do público alvo numa perspectiva de direitos, e se ancora no fortalecimento de bases familiares e comunitárias, bem como na busca de novas formas de organização popular com centralidade no empoderamento dos sujeitos destinatários da ação.**

Para tanto, há o estímulo à organização comunitária e à atuação na esfera da política, no sentido de exigir do poder público o cumprimento de seu papel social. Ao mesmo tempo, serão implementadas iniciativas de articulação e parcerias com entidades e instituições localizadas nos bairros do entorno, no sentido tanto de ampliar e qualificar o atendimento a crianças, adolescentes e jovens, quanto de garantir maior integração social.

#### 4. Descrição do projeto (estratégias)

Uma ação articulada pelo desenvolvimento social e cultural comunitário a partir do protagonismo infanto-juvenil e do fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários e da organização dos principais atores sociais envolvidos.

O projeto pretende desenvolver atividades de arte-educação, esportes e formação com essas crianças, adolescentes e jovens integrando, a partir desse núcleo, ações com pais, responsáveis e lideranças comunitárias.

Os participantes (crianças, adolescentes, familiares, lideranças comunitárias e poder público) envolvidos, enquanto protagonistas das ações em seus diversos

momentos, fortalecerão o protagonismo infanto-juvenil dentro do âmbito familiar e comunitário, por meio de **Grupos Operativos de Arte**, **Grupos Operativos** temáticos e fóruns estabelecidos para a gestão do projeto e a discussão e elaboração de políticas públicas, como o **Conselho de Jovens** e o **Conselho Comunitário**.

Os Grupos Operativos (**GOs**) se organizam a partir da identificação de problemas que lhes são comuns (os que podem ir, por exemplo, desde o problema das caixas d'água ou a coleta de lixo, até questões de gênero, infância, renda, etc.), para a sua resolução no sentido de elaborar propostas para o conjunto da comunidade ou apontando para a elaboração de PP. Estes grupos têm por característica a utilização dos problemas apontados, no sentido de serem pontos geradores de outros processos pedagógicos.

Grupos Operativos de Arte (**GOA**) são grupo de arte (companhias de teatro, circo, música ou artes integradas), que abordam questões temáticas (sexualidade, inserção social, drogas, etnia, identidade, infância e juventude, etc.), desde uma perspectiva própria ao seu entorno, utilizando as diversas linguagens artísticas a partir de uma abordagem crítica. Eles funcionam como multiplicadores das discussões levantadas ao longo dos trabalhos desenvolvidos, procurando vias de comunicação com a comunidade e o conjunto da sociedade. Este tipo de organização, que atua também como forte elemento de construção da autonomia de adolescentes e jovens, bem como do seu senso coletivo, tem demonstrado ser uma ótima ferramenta para o trabalho pedagógico e para a integração da comunidade às questões comuns levantadas pelos espetáculos da garotada.

O início dos trabalhos junto aos meninos e meninas será feito justamente por integrantes da **Trupe de Circo Social do Se Essa Rua** -já conhecida dessa comunidade-, que, formada por meninos e meninas que estiveram nas ruas, é hoje muito mais do que uma companhia de espetáculos circenses, mas um grupo de agentes multiplicadores de uma concepção pedagógica que é parte de um projeto de transformação.

O trabalho junto às lideranças comunitárias visa sua formação como gestores e multiplicadores da experiência. No contexto do **Dando Bola pra Vida** o trabalho dirigido a incentivar o protagonismo infanto-juvenil, através de cursos de formação de jovens lideranças comunitárias em arte-educação, é parte essencial da proposta.

O estímulo à formação de redes autogestionárias de trabalho e renda será estimulado em todos os níveis de atendimento, isto é, tanto no trabalho com as famílias e lideranças comunitárias, quanto nas atividades com as crianças e jovens, através dos grupos operativos de arte, os quais poderão se transformar em grupos autônomos cooperativados, que mantenham uma estreita relação com as questões da comunidade.

Por outro lado, será incentivada a participação dos professores das escolas do bairro, no intuito de fortalecer os vínculos entre Escola, comunidade e Projeto, através de

diversos elementos: a instrumentalização dos professores nas metodologias da arte-educação, a motivação das crianças e adolescentes por meio da arte, a inclusão progressiva da escola nas questões da comunidade. A idéia é incluir paulatinamente os professores nesta problemática através das oficinas de arte, que apresentarão dinâmicas temáticas (sexualidade, gênero, violência intrafamiliar e social, saúde preventiva, etc.), e nas quais terão uma participação crescente. Na medida em que os vínculos estejam sendo fortalecidos, pretende-se integrar a escola, cada vez mais, nos processos de gestão do projeto, realizando, por exemplo, reuniões do conselho ou de grupos operativos específicos, no espaço da escola. Dentro desta idéia, abriremos 20 vagas anuais para formação de professores das escolas, em cursos de arte-educação.

Essas e outras atividades circunscrevem-se no entendimento de que essas crianças, adolescentes, jovens e suas famílias devem ser assistidas por uma iniciativa que contemple suas demandas de ordem emocional e social, fortalecendo a auto-estima e a capacidade criadora numa perspectiva de cidadania, tornando-os sujeitos de suas próprias histórias, almejando reivindicar direitos e políticas sociais coerentes com as necessidades básicas do coletivo, colocando, em suma, as bases para a construção de uma nova cultura solidária.

## **Anexo 3**

### **Metodologia do Circo Social do Se Essa Rua (SER)**

#### **A criança, adolescente e corporeidade<sup>8</sup>**

Observando as crianças da comunidade no ambiente escolar, dois aspectos chamam a nossa atenção: o explícito desgosto pelo aprendizado, expressado em repetidas oportunidades em frases como “*esse negócio é muito chato*” ou “*eu não consigo*”, atitudes fortalecidas pela enorme distância existente entre os conteúdos programáticos e qualquer noção da sua aplicação prática na vida dessas crianças. Essa observação leva muitos pesquisadores a apontar que as crianças internalizam que são incapazes de aprender em função do retorno dado pela escola e pela família. Esta situação é claramente mais dramática ao se tratar de crianças de classes populares, face às condições sociais do seu desenvolvimento.

A relação estabelecida pelas crianças com o aprendizado e as relações de sociabilidade, tem um efeito direto no seu modo de estar no mundo, desenvolvendo atitudes corporais agressivas ou defensivas, carregando seus corpos desprovidos de afeto, por não acharem nos processos de aprendizado e socialização, o afeto necessário para o seu desenvolvimento.

O corpo tem dimensão especial na relação pedagógica. É o ponto de partida no processo de auto (re)conhecimento, trocas, afetos e na comunicação e expressão.

Muitos meninos e meninas chegam ao projeto com fortes marcas de violência corporal, explicitadas às vezes pela falta de auto cuidado, pouco instinto de auto-preservação e ou por práticas sociais que tendem a evitar os afetos.

Espaços de aprendizado que impõem um corpo disciplinado e imóvel, hierarquizado na sua relação com o próprio espaço e com o detentor do saber como condição prévia para a relação pedagógica, limitam a possibilidade do desenvolvimento criativo dos educandos, condicionando o seu gosto pelo aprendizado e impondo claras marcas à sua sociabilidade.

No dizer de Foucault<sup>9</sup> “...no poder disciplinar, há uma busca do adestramento dos corpos dos indivíduos”.

*Quem vê hoje, por exemplo, a pequena Carol, do “Circo das Bromélias” (uma iniciativa do Se Essa Rua e a ASCAP em vila Paciência), se contorcendo nas mãos dos instrutores, ou saltando no trampolim, para deleite dos espectadores da Escola, da família e da comunidade, talvez não acredite que no início do projeto, apenas 8 meses antes, ela só vivia deitada, quase imóvel pela fome matutina, com a sua timidez inscrita no corpo.*

<sup>8</sup> A corporeidade, se estende além dos limites da física e da biologia, ela alcança a esfera da consciência e do espírito e não excluiu as possibilidades de transcendência (...). Grupe, *O Estudos sobre una teoria pedagogica de la educacion fisica*, 1976.

<sup>9</sup> Foucault, M. Vigiar e punir: a historia da violência nas prisões. Petrópolis, Vozes, 1977.

## Arte e espaços de convivência

A centralidade da arte na proposta pedagógica do SER responde a uma leitura que entende a criança e o adolescente na sua potencialidade criadora, cerceada pelas condições sociais às quais eles são expostos. Nesse sentido, o desenvolvimento da **capacidade crítica** e da **sensibilidade criadora**, entre outros, são objetivos pedagógicos centrais nessa proposta, que, com base no respeito aos saberes dos educandos como ponto de partida dos processos educativos, tem como horizonte uma perspectiva transformadora.

A necessidade de se trabalhar com metodologias que permitissem o aflorar dos saberes e competências dos educandos, levou o Se Essa Rua a desenvolver seu trabalho em torno da implementação de **espaços de convivência pedagógica e comunitária**, onde, por meio da troca de atividades e saberes artísticos e culturais, criam-se condições para o desenvolvimento de processos que objetivam atingir maiores níveis de **autonomia** e apropriação crítica da realidade por parte dos jovens e suas famílias, produzindo alterações efetivas nas relações sociais de cada grupo e/ou comunidade, e mesmo inovando nos modos de organização e geração de renda.

As expressões artísticas permitem uma constante relação do ser **emocional** e **racional** do indivíduo, propiciando-lhe continuamente o confronto com situações cujos elementos retratam simbolicamente a realidade e expressam as necessidades do indivíduo em se posicionar diante dela. O circo, ao igual que a dança e o teatro, coloca o corpo como interface dessa relação.

A idéia da utilização da linguagem circense como viés metodológico para o trabalho junto a crianças e adolescentes em situação de risco, surge a partir da observação das brincadeiras que as próprias crianças e adolescentes realizam na rua, e das habilidades desenvolvidas e passadas de uns para os outros, num impressionante processo de ensino/aprendizagem centrado no lúdico, extraindo lições pedagógicas desse particular modo de estar no mundo.

Esta percepção alertou os educadores para o enorme potencial de uma metodologia que pudesse trabalhar ao mesmo tempo, **concentração, disciplina, capacidade de cuidar do outro, solidariedade, trabalho em equipe e controle do corpo e da expressão num contexto de ludicidade** que, mantendo um nível alto de desafio, que se assemelha ao que os meninos e meninas encontram na rua, conseguia estimular também o **gosto pelo conhecimento**.

### Circo social e espaços formais de aprendizado

Nos últimos anos, têm surgido diversas experiências que exploram o potencial integrador e auto-disciplinador das artes circenses. Grandes empresas oferecem aos seus funcionários atividades circenses como modo de reeducar o corpo, visando a integração das equipes, a melhora de posturas corporais e um conseguinte aumento da produtividade. Mais recentemente, as grandes cidades brasileiras, cuja cultura dá grande importância à aparência física e à saúde do corpo, lotando diariamente as academias de ginástica, têm sido palco de uma migração desse público para as oficinas de circo, à procura de uma atividade física disciplinada que, ao mesmo tempo em que cuida do corpo, pudesse desenvolver outras qualidades expressivas, proporcionando uma experiência mais prazerosa do que as esteiras mecânicas.

O corpo no circo social, é um corpo pensado, um corpo criativo, e não um corpo silenciado pelo Espaço formal de aprendizado, como no caso da escola tradicional. A proposta pedagógica do Se Essa Rua introduz uma nova especificidade ao circo social na concepção dos espaços metodológicos de convivência pedagógica.

Os espaços de convivência são ao mesmo tempo espaços físicos e afetivos, espaços metodológicos abertos de experimentação pedagógica e de descoberta das relações sociais por parte das crianças e adolescentes. São assim, espaços de possibilidades, porque são, antes de tudo, espaços de escuta ativa, de troca, de diálogo, onde são cotidianamente negociados os sonhos, desejos, as normas e os saberes; espaços que, por isso, desenvolvem o sentido de pertencimento, a responsabilidade e a identidade coletiva.

Eles têm demonstrado ser um interessante modo de as crianças e adolescentes perderem o medo de se sentir/saber parte de um coletivo, de se atreverem a sonhar um espaço/mundo diferente daquele que até agora conheceram, sentindo-se assim, instigados à participação social e ao aprendizado coletivo, desejando desenvolver ao máximo suas competências.

Esta relação aberta, o processo de escolhas, a construção de identidades e leitura crítica das contradições, associadas ao aprendizado de conteúdos técnicos e relacionais une dialeticamente dois espaços distintos e estanques na escola formal: a sala de Aula e a hora do Recreio<sup>10</sup>. Talvez esteja aqui o diferencial pedagógico do Circo Social: O diálogo entre os espaços formal e informal na construção e horizontalização do conhecimento e das relações de poder, saber e prazer.

A proposta do Circo Social propõe a reconstrução de vínculos essenciais e cotidianos entre brincar, prazer, cognição; amizades, afetos, ciência e desafetos; elementos que compõem de uma totalidade do modo de estar no mundo dos meninos e meninas e que a escola tende a separar.

### Grupos Operativos de Criação

A perspectiva de investir no **protagonismo juvenil** como uma modalidade inovadora da ação educativa é elemento chave desta metodologia. Em substituição à postura pedagógica paternalista e assistencialista freqüentemente presente no ensino formal, o protagonismo juvenil traz a idéia de incentivar os jovens a se tornarem sujeitos de intervenção e transformação da realidade.

Esta perspectiva adquire um tom diferencial na experiência metodológica do Circo Social do Se Essa Rua, ao contribuir para que os jovens percebam a sua capacidade de formadores de opinião e de **agentes de transformação social e cultural**.

Assim, para além de se perceber ao jovem como um indivíduo capaz de protagonizar, hoje, ações de relevância social, a articulação de **Espaços de Convivência Pedagógica** com a proposta dos **Grupos Operativos de Criação**, desenvolve neles a auto-confiança, o respeito pelo outro e gradativamente, um profundo sentido de compromisso com seu grupo e um engajamento com sua comunidade, sua sociedade e a solução dos seus problemas, isto é, com a construção de um mundo melhor.

Os **Grupos Operativos de Criação (GOC)**, parte importante desse processo, são grupos de arte (companhias de teatro, circo, música, dança ou artes integradas), que abordam questões temáticas (gênero, sexualidade, violência, drogas, etnia, identidade) desde uma perspectiva própria ao seu entorno, utilizando as diversas linguagens artísticas a partir de uma abordagem crítica. Eles funcionam como multiplicadores das discussões

<sup>10</sup> A Visão de enquadramento e adestramento cognitivo da escola tradicional inibe a autenticidade, a criatividade e a criticidade dos alunos. Talvez, a hora do recreio seja o espaço mais autêntico, criativo e vivo das escolas. Onde as meninas levam suas bonecas preferidas para brincar e fazer inveja as amigas preteridas, onde um grupo ensina para o outro brincadeiras novas aprendidas nas ruas, onde todos correm, pulam, xingam, caem e se enchem de vida.

levantadas ao longo dos trabalhos desenvolvidos, procurando vias de comunicação com a Escola, a comunidade e o conjunto da sociedade.

Este tipo de organização, que atua também como forte elemento de construção da autonomia de adolescentes e jovens, bem como do seu senso coletivo, tem demonstrado ser uma ótima ferramenta para o trabalho pedagógico e para a integração da comunidade às questões comuns levantadas pelos espetáculos da garotada.

Assim, a capacidade de criar, pensar, planejar e implementar coletivamente dá ao protagonismo destes jovens multiplicadores de cidadania cultural, um diferencial que potencializa processos de transformação social. Estas mudanças operam-se progressivamente em nível individual, grupal, comunitário e social, estimulando a participação no debate sobre a elaboração de políticas públicas.

### **Circuladores, Brincantes e Griôts**

Ao longo dessa experiência veio se dando o fortalecimento de modos específicos de intervenção, surgidos tanto de uma pesquisa-ação contínua baseada na observação das relações estabelecidas pelos adolescentes e jovens, como das propostas emergidas da visão dos mesmos, da sua percepção do mundo, do outro e da interação com suas formas de inserção social e cultural.

Assim, e em constante interação com as propostas metodológicas do SER, vêm se delineando três perfis que passam a sustentar a proposta de irradiação de protagonismo juvenil tida como base do projeto de formação e multiplicação, e que dão sua verdadeira razão de ser ao **Centro de Desenvolvimento Criativo**. São estes: o perfil dos *Circuladores*, associado à experiência do Circo Social, multiplicadores dos debates sobre cidadania e multiculturalismo em meio urbano; o perfil dos *Brincantes*, ligado à experiência de teatro de rua e de bonecos, com elo com a cultura do nordeste brasileiro e os *Griôts*, jovens contadores de histórias que ligam rua e comunidades, trazendo uma discussão embasada sobre a cultura negra, a discriminação e o papel dos jovens com relação às tradições culturais e à memória viva da comunidade.

O desenvolvimento de cada um desses perfis tem como base uma sólida formação em temas de cidadania que atravessam a vida desses jovens, como a questão da violência, das drogas, sexualidade, gênero, etnia e metodologias de gestão social visando a autonomia e sustentabilidade das iniciativas desenvolvidas junto a suas comunidades.

È importante destacar o papel destes grupos na disseminação de debates e junto à Escola pública, assumindo o papel de dinamizadores das relações sociais entre as crianças, os professores e a comunidade.

### **Circo social, origem e bases conceituais**

A circense é por essência uma arte integrada que materializa o conceito de **autonomia e reciprocidade**. Assim, as habilidades desenvolvidas possibilitam a materialização deste conceito, uma vez que dão ao jovem a possibilidade de fazer escolhas e caminhar no ritmo de seu próprio desenvolvimento (o que responde ao princípio da autonomia) e ao mesmo tempo entender que, independentemente da escolha que faça, ele sempre terá que contar com o apoio e a complementaridade do trabalho de alguém (o que responde ao princípio da reciprocidade). Esse espírito de equipe, encontrado no circo, impregna o educando em sua vivência, possibilitando a ele uma melhor relação social e interação com outros espaços de aprendizado como a Escola formal.

A concepção metodológica do **Circo Social** é ferramenta privilegiada dentro do trabalho com arte-educação numa perspectiva de desenvolvimento social e cultural, isto é, numa perspectiva que tenha por base a garantia do direito à igualdade e do direito à diversidade.

O conceito de **Circo Social** procura ser um catalisador das diversas formas de expressão em prol do desenvolvimento pessoal e social dos meninos e meninas, propiciando, para além das oficinas de técnicas circenses, um constante contato dos educandos com teatro, música, dança, contação de histórias e acesso a informática e redes, seja de modo integrado às próprias oficinas, seja por meio de módulos específicos.

Criada e desenvolvida pelas equipes de educadores do Se Essa Rua, a proposta do **Circo Social** surge, em 1992, no contexto do trabalho com crianças em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro. O sucesso dessa escolha ficou evidente no aumento da auto-estima e do sentimento de autopreservação, geradores de uma opção pela mudança na realidade pessoal desses meninos e meninas.

Os resultados obtidos com o trabalho de circo consolidaram a idéia da linguagem circense como estratégia de promoção pessoal e social, nascendo assim o conceito de **circo social**.

Essa experiência serviu de modelo para o programa social **Cirque du Monde**, realizado através de uma parceria entre o **Cirque du Soleil**, a ONG canadense **Jeunesse du Monde** e o **SER**, multiplicando-se assim o conceito de *circo social* pelos cinco continentes.

### Considerações metodológicas

O planejamento das oficinas privilegia a cada instante o **saber da criança**, possibilitando espaços que facilitem a percepção dos seus desejos, motivações, dificuldades e limitações.

Assim, procuram-se os **pontos geradores da ação pedagógica** a partir dos espaços de convivência, seja durante os exercícios, nas oficinas, na avaliação ou mesmo nos intervalos, chamando a atenção para a questão dos desafios, da concentração, da escuta, do cuidado, do sentido de responsabilidade e compromisso, da tomada de decisões, apoiando-nos na solidariedade, na segurança e na afetividade inerentes ao mundo do circo. O risco e o (des)equilíbrio das atividades circenses orientam a ampliação do limite de cada jovem e, conseqüentemente, também o do grupo.

Cada oficina tem um *Círculo* de início e de encerramento das atividades, momentos em que todos, lado a lado, se preparam para empreender a viagem juntos e trocam os diferentes olhares sobre a atividade e o grupo. Estes momentos são centrais para o desenvolvimento sócio-afetivo dos educandos.

O *Círculo* é também o momento privilegiado para o desenvolvimento de um processo gradativo de releitura da realidade, onde os educandos discutem situações relativas ao seu contexto social, familiar e comunitário, constituindo a base de futuros projetos artísticos e sociais que irão nortear o desenvolvimento das suas ações futuras em grupo.

O *Círculo*, além de servir como momento para a instigação dos educando e a geração de novos processos de ensino-aprendizagem, é o lugar ideal para o levantamento das questões temáticas a serem aprofundadas em momentos especialmente destinados a isso, como encontros, seminários e grupos de trabalho.

**Disciplinas e técnicas circenses (breve descrição)**

Disciplina	Conceito	Atividades	conteúdo
<b>Acrobacias<sup>11</sup></b> ✓ <b>Solo</b> ✓ <b>Mini-trampolim</b> ✓ <b>Trampolim</b>	A acrobacia é considerada a base de aprendizado da maioria das técnicas circenses. Muitas técnicas usadas, são revisitadas nos trampolins acrobáticos e nos aéreos.	Seqüência de diversos saltos organizados progressivamente segundo a complexidade e dificuldade na sua excussão. podem ser realizadas em duplas, de forma concomitante ou com uma pessoa sendo a base (portô) e a outra sendo lançada ao ar (volante).	Habilidades como, andar correr, saltar, girar e rolar; São desenvolvidas junto com noções de equilíbrio e espaço. Fortalece membros inferiores, resistência muscular em todo o corpo (abdome, peito, ombro), e a respiração. Estimula a atenção, raciocínio, concentração, tomada de iniciativa e trabalho em grupo, lidar com situações de maior risco e vencer dificuldades. No trampolim são desenvolvidas noções de espaço/ tempo e percepção do corpo no ar. Trabalha resistência aeróbica e muscular nos membros inferiores e no abdômen.
<b>Pirâmide</b>	Há grupos que classificam pirâmide como acrobacias, outros, como equilíbrio.	Consiste em movimentos realizados em equipe que experimentam diversas formas e poses utilizando-se de equilíbrio e força de corpo do parceiro.	Desenvolve agilidade, equilíbrio, postura e consciência corporal aprendendo a calcular e a dosar força. Fortalece e da resistência aos membros inferiores, superiores e o controle da respiração. Estimula concentração, atenção, confiança, responsabilidade, respeito mútuo e sentimento de cooperação.
<b>Equilíbrios</b> ✓ Monociclos ✓ Pernas de Pau ✓ Arame	Consciência do mecanismo corporal, objeto e entorno.	Equilibrar e se movimentar em equipamentos ...	Harmonia entre o corpo e o entorno. Domínio e clara consciência do equilíbrio cinético aplicando uma noção rítmica cinestésica.
<b>Malabares</b> ✓ Bolinhas ✓ Claves ✓ Argolas ✓ Diabulos	Manipulação de objetos Individualmente e 2 ou mais pessoas		Precisão no desenvolvimento de uma noção de ritmo cinestésico fora do comum fazem com que o jovem malabarista pareça desafiar as leis da natureza. A magia dos movimentos atingida por meio de disciplina e concentração o estimula à descoberta de novos desafios na vida.
<b>Aéreos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Trapézio</li> <li>• <u>Lira</u></li> <li>• <u>Corda Indiana</u></li> <li>• <u>Tecidos</u></li> </ul>	Também conhecidas como acrobacias ou dança aéreas.	Consiste em subidas, nos aparelhos e desenvolvimento de formas coreográficas, intercalando movimentos suaves e quedas bruscas e repentinas. No caso do tecidos há diversas composições de figuras unindo o corpo e o pano .	Desenvolve movimentos de pêndulo e de pendurar. Força física, disciplina e leveza dos movimentos. Trabalha-se toda a musculatura do corpo, melhora a postura, o equilíbrio e a flexibilidade. Também trabalha a flexibilidade em todas as partes do corpo e a respiração, noção de espaço, tempo e reflexo. Aumenta a autonomia nas decisões corporais, desenvolve a atenção, a concentração, o raciocínio e a superação do medo.

<sup>11</sup> As acrobacias na China, aparecem em pinturas de 5 000 anos. Esses movimentos faziam parte dos exercícios de treinamento dos guerreiros de quem se exigia agilidade, flexibilidade e força e, aos poucos, a esses movimentos foram acrescentadas a graça, beleza e harmonia. (Alice Viveiros de Castro 1998)

### **Desenvolvimento da proposta no espaço pedagógico integrado**

No espaço de convivência, embora cada núcleo definirá planejamentos específicos, podemos delimitar, de um modo geral, os momentos<sup>12</sup> descritos a seguir; as técnicas circenses detalhadas na ementa irão sendo desenvolvidas paulatinamente, servindo de 'pano de fundo' em torno das quais irão se deflagrar os processos aqui apresentados.

- I - Sensibilização e mobilização
- II - Criação e mostras internas
- III - Criação e mostras abertas à famílias e comunidades
- IV - Formação de trupes e multiplicadores

I - **Sensibilização** - O primeiro momento é marcado pelo brinqueado de investigação, as descobertas e escolhas. As atividades são servidas às crianças, adolescentes e jovens, que vão saboreando com liberdade para experimentação; Aos poucos, junto com os educadores, vão construindo seus planos de interesse, procurando compreender limites, possibilidades e desconstruindo possíveis valores negativos em relação a sua capacidade de aprendizado. Neste momento serão colocadas também as primeiras noções sobre conhecimento do material de segurança; Conhecimento do material circense; Aquecimento e flexibilidade; Exercícios com malabares; Exercícios de força, resistência e postura.

**Mobilização** - Crianças e adolescentes saem às ruas e casas em busca de garrafas descartáveis, cabos de vassouras e outros materiais para serem reciclados na confecção de instrumentos circenses. No processo elas provocam diálogos dentro da família e da comunidade sobre as atividades do projeto e tornam-se um presente para todos quando vêem o material transformado em objeto de aprendizado e de cena.

II- **Criação e mostras internas** Num segundo momento, individualmente ou em duplas, trios, etc. começam a organizar pequenos números circenses, de teatro ou dança que mostrarão para outras crianças e profissionais do projeto. Neste momento se produz um acelerado aprofundamento nas técnicas empregadas, guiado pelo interesse desenvolvido pelas próprias crianças e adolescentes.

Construir cenas é construir outras realidades. O jogo de estar *em cena* e de assistir *à cena* é invariavelmente um dialético exercício de fala/escuta marcado pela percepção do universo simbólico e da criticidade. É o início de um processo de mudança de olhares que irá incidir na forma em que meninos e meninas são percebidos pelas famílias e a comunidade, processo conduzido justamente pela magia do espetáculo, isto é, de se mostrar de um outro modo, se reinventando e reinventando os olhares dos outros.

III - **Criação e mostras abertas às famílias e à comunidade** As mostras para familiares e comunidades, têm como possibilidade o (re) encantamento das pessoas. Nem os filhos em cena, nem os pais na platéia são os mesmos. E este (re) encantamento pode ser transformado em ações concretas de mobilização comunitária, para superação de casos de violência e abusos intrafamiliar e estrutural.

IV - **Formação de trupes e multiplicadores** O processo de ajudar o outro, de ensinar o que aprendeu é inerente a todo o desenvolvimento do aprendizado das habilidades circenses.<sup>13</sup> A convivência no que chamamos de "grupos operativos de criação", possibilita um exercício amplo de convivência em grupo, aonde o educador vai se efetivando como um facilitador e as lideranças obtendo mais espaços para emergirem e se

<sup>12</sup> Falaremos de momentos para designar áreas de orientação do trabalho programático. Porém, estas não respondem a limites espaço-temporais pré-definidos, mas serão determinados pelo próprio dever das aulas, mais especificamente do cruzamento dos objetivos propostos com os saberes, motivações e necessidades dos educandos no contexto específico de cada oficina.

<sup>13</sup> Este conceito pedagógico é uma herança das famílias circenses, onde os pais ensinavam os filhos, os mais velhos aos mais novos e assim por diante.

responsabilizarem pelo processo de multiplicação das experiências. As ações dos multiplicadores podem ser ampliadas para outros projetos.

As trupes além do papel de multiplicação da experiência vivenciada, têm na definição de sua estética, de seus espetáculos uma forma de debate sobre questões que considerarem importantes.

### **Ciclo de intervenção e multiplicação**

Podemos tomar o processo de formação e qualificação das equipes de educadores e dos jovens multiplicadores como início do ciclo de intervenção. É importante salientar aqui, que estes processos são contínuos, devido ao caráter prático dos saberes inerentes à proposta metodológica.

Jovens multiplicadores (cumprindo uma espécie de estágio na sua formação) e educadores (acompanhando a ação dos jovens e desempenhando uma função de articulação dos diversos processos sociais e educativos) desenvolvem uma ação junto a crianças e adolescentes nos núcleos comunitários, através de oficinas de circo social e do acompanhamento pedagógico e psicossocial, articulando-se com as famílias, organizações comunitárias e a rede de serviços disponível.

A partir do trabalho desenvolvido nos espaços de convivência são identificadas novas lideranças entre os jovens que participam das atividades, com base em critérios de participação, comprometimento com as atividades e o grupo, senso de responsabilidade e gosto pelo aprendizado.

Estes jovens são convidados a participar dos cursos de formação em técnicas de arte-educação e cidadania, sendo subsidiados para multiplicarem a experiência vivida, em escolas e projetos sociais e culturais nas comunidades.

### **Gráfico do ciclo de intervenção e multiplicação das ações**



## Anexo 4

### ENTREVISTA COM MARCO AURELIO DA SILVA BARBOSA – “EDUCADOR” DO SER

**Entrevistadora:** Vamos começar falando qual é seu nome todo?

**Marco Aurélio:** Meu nome é Marco Aurélio da Silva Barbosa

**Entrevistadora:** E você tem quantos anos?

**Marco Aurélio:** Eu tenho vinte e quatro anos.

**Entrevistadora:** E o que você faz exatamente aqui dentro *do Se Essa Rua*?

**Marco Aurélio:** Eu, aqui dentro do *Se Essa Rua*, faço articulação de grupo, trabalho aqui do circo, entende? No circo, no ciads (?). Então sou umas das pessoas mais antigas. E aí tem essa responsabilidade de estar articulando esses trabalhos.

**Entrevistadora:** E como é que você veio parar aqui no *Se Essa Rua*?

**Marco Aurélio:** Eu vim parar através de amigos que eu conheci na rua. No tempo que eu morava na rua conheci amigos que já eram da trupe daqui, entende? E aí me indicaram, me trouxeram pra cá, conheci o projeto.

**Entrevistadora:** E você tinha quantos anos?

**Marco Aurélio:** Eu tinha 16 anos, 16 anos. E aí eu vim pra cá na expectativa de conhecer e um lugar onde pudesse tomar um banho, almoçar, pegar um rango legal. E acabei me apaixonando, me apaixonando pela arte do circo.

**Entrevistadora:** E se envolveu, e começou a fazer circo assim que chegou, já começou a fazer....

**Marco Aurélio:** Não, não... eu vim, aí foi isso. Primeiro ficou um espaço de referência de alimentação, um banho, aí podia descansar tranquilo que ninguém ia me perturbar, entende? E aí, devido ter acompanhado eles em espetáculos, ajudar a organizar material, carregar material, enfim, foi despertando o interesse de participar também daquele grupo. Foi quando eu comecei a fazer aula e iniciei assim.

**Entrevistadora:** E você está até hoje direto trabalhando aqui?

**Marco Aurélio:** Isso até hoje, desde quando eu comecei a fazer. Aí sim, quando eu comecei a fazer aula, é porque eu tinha dentro de mim uma certeza do que eu

queria, entende? Aí eu vim aluno, de aluno já fui ajudante dos professores, depois multiplicador. E hoje eu sou educador do *Se Essa Rua*, entende?!

**Entrevistadora:** E lá no Cerro-Corá, o que você faz exatamente? Como é a aula...

**Marco Aurélio:** Lá no Cerro?

**Entrevistadora:** É, lá no Cerro, como é que você trabalha com as crianças?

**Marco Aurélio:** Lá no Cerro, a gente trabalha com crianças, no caso eu, é totalmente diferente daqui. Porque lá eu junto com Nego da Bahia. A gente dá mais uma aula acompanhada, a gente acompanha as crianças de perto. A gente não só ensina as técnicas circenses, mas trabalha muito essa questão do ser humano, como cidadão do amanhã. Então, é um trabalho bem mais acompanhado com as crianças, aula mesmo. A gente passa básicos de malabares, até porque a gente não tem intenção de formar ninguém, mas sim ajudar ele o que ele venha a ser futuramente.

**Entrevistadora:** E quem são essas crianças e adolescentes que você trabalha lá? Como elas são? Quem são elas?

**Marco Aurélio:** Bom, eles são jovens e crianças, adolescentes e crianças que vivem lá na comunidade do Cerro. Uma comunidade que, como um todo, necessita de pessoas que não só vão lá pra falar e vão levar novidades pra comunidade. São crianças e adolescente que precisam muito de um trabalho mais concreto no sentido de que faça parte do dia-a-dia deles. São crianças e adolescentes muito carentes de atenção, carentes de carinho, carentes na conversa. Então é isso, são crianças que, atualmente, estão muito felizes com o que estão fazendo, entende? Não porque a gente quer, mas porque eles estão sentindo nosso trabalho. Um trabalho que está fazendo bem para a comunidade deles e pra convivência.

**Entrevistadora:** Em que sentido você acha que isso está impactando, que está mudando a vida deles com esse trabalho que vocês fazem no *Se Essa Rua*?

**Marco Aurélio:** Eu acho que está mudando desde o momento que a gente conseguiu criar com eles um espaço de convivência onde tem regras, tem limites que são feitos com eles mesmos na roda. Eu que ta mudando também no sentido deles estarem conhecendo um mundo diferente do que eles estão acostumados a viver. Um mundo do circo, que é mundo de brincadeiras, de responsabilidade também, um mundo em que eles podem ver onde eles podem chegar futuramente. A gente tem saído com eles pra mostrar o trabalho em outros lugares. Mudou, ta

mudando no sentido de eles estarem um pouco saindo da realidade em que eles estão acostumados a viver e poder ter a oportunidade de experimentar outra realidade.

**Entrevistadora:** Você falou das regras. Quais são as regras que tem ali dentro e como elas são gerenciadas?

**Marco Aurélio:** Assim, a gente tem a roda, a roda inicial, no início da atividade e no final. Nessa roda do início, a gente planeja como vai ser e cada um traz sua proposta de como tem que ser o dia, entende?! E das regras nessa mesma roda é onde nós determinamos essas regras. Onde não pode ter briga, onde a gente não pode tratar o outro mal. Esse espaço é onde todos são iguais, ninguém é diferente de ninguém. E é esse tipo de regra, regra de convivência, pra gente poder viver bem aqui dentro do espaço.

**Entrevistadora:** E como que você acha que está sendo esse impacto dentro da comunidade? Como está a relação com a comunidade?

**Marco Aurélio:** Assim, pelo que eu tenho visto... Porque eu dou aula ali dentro da quadra, mas quando tenho oportunidade eu dou uma volta pela comunidade, converso com alguns pais. Então, assim, eu acho que está tendo um impacto na comunidade nesse sentido. As crianças estão num espaço onde os pais sabem que é seguro. Um espaço onde os pais sabem que as crianças vão pra lá pra aprender algo de bom futuramente. Os pais estão menos preocupados, porque assim tem muitas crianças que não estão no projeto que ficam circulando pela comunidade, aí, chega polícia, bala perdida. São coisas que os pais, sabendo que as crianças estão lá dentro da quadra, ficam menos preocupados. E acho que o mais importante é o pais saberem que os filhos estão num lugar que vai contribuir para a melhoria do futuro deles, entende?! Então, acho que isso é que tá, que faz com que a comunidade aceite o projeto de braços abertos. Saber que a proposta é não só ajudar, mas encaminhar esse jovem ou adolescente pra um caminho....

**Entrevistadora:** E qual a importância de fazer essas festas ou apresentações dentro da própria comunidade?

**Marco Aurélio:** A importância é porque os pais sabem que os filhos estão lá fazendo atividades. Mas eles não estão acompanhando, eles não estão acompanhando o resultado que está acontecendo. Então essas festas, essas apresentações são uma das coisas que fazem com que mostre pra toda comunidade o resultado do trabalho que tá sendo desenvolvido ali. A comunidade pode

apreciar e pode, naquele momento, ali, ver que realmente o filho dela não ta perdendo tempo lá. Alguma coisa ta sendo construída. Então, é muito importante também essa festas e apresentações pra comunidade apreciar, ta mais junto, entende?! Também é um momento em que os pais podem estar mais juntos das crianças e adolescentes. No último espetáculo que teve lá, muitos pais choraram, porque não sabiam que os filhos faziam aquilo, não sabiam que os filhos cresceram tanto. Então, foi um momento meio que os moradores realmente aceitaram o projeto, abraçaram a idéia, porque eles viram que realmente vale a pena...

**Entrevistadora:** Era sério....

**Marco Aurélio:** Era sério, é. Eles falam muito de projeto que já foi pra comunidade, fica um ano e vai embora. Projeto que chega falando mil coisas e não acontece nada. Então, no inicio, eles achavam que nós fôssemos mais um desses. Então, depois desse espetáculo (?) mudaram no conceito deles. Foi muito legal.

**Entrevistadora:** (risos) Deu uma melhorada, né?!

**Marco Aurélio:** Deu uma melhorada, com certeza. Atualmente, tem pais que, quando podem vão lá conversar com a gente, passam pra ver se tem alguma dificuldade com o filho, pra saber se podem ajudar. Então, faz esse intercâmbio, ta bem mais próximo, entende?!

**Entrevistadora:** Então, era mais ou menos isso. Muito obrigada.

## Anexo 5

### ENTREVISTA COM PAULO – PARTICIPANTE DO SER

**Entrevistadora:** Fala seu nome todo.

**Paulo:** Jorge Marcos Ramos.

**Entrevistadora:** E todo mundo te chama de quê?

**Paulo:** Marquinhos.

**Entrevistadora:** E quantos anos você tem, Marquinho?

**Paulo:** Catorze.

**Entrevistadora:** E você estuda onde?

**Paulo:** Tô estudando lá no São Vicente, mas ainda vou fazer minha matrícula.

**Entrevistadora:** E o que você acha do *Se Essa Rua*?

**Paulo:** Eu acho o projeto legal.

**Entrevistadora:** E por que você acha legal?

**Paulo:** Aprende muitas coisas, fazer espetáculo fora.

**Entrevistadora:** Você já fez espetáculo fora?

**Paulo:** Não, só aqui. Porque teve uma época aí que eu quis sair.

**Entrevistadora:** E por que você quis sair?

**Paulo:** Eu discuti com os professores.

**Entrevistadora:** Mas agora você já fez as pases?

**Paulo:** Hum hum.

**Entrevistadora:** E como foi aquela apresentação aqui?

**Paulo:** Foi boa.

**Entrevistadora:** O que você sentiu quando fez aquela apresentação?

**Paulo:** Emoção.

**Entrevistadora:** Ficou nervoso, não?!

**Paulo:** Pouquinho.

**Entrevistadora:** Você estava tão lá em cima naquelas pernas de pau, né?! Ficou com medo de cair não?!

**Paulo:** Não, porque eu nunca cai...até agora.

**Entrevistadora:** Até agora...até agora. Antes de ter o *Se Essa Rua* aqui à tarde, que às vezes você vem pra cá de manhã ou de tarde, você fazia o que quando saía da escola?

**Paulo:** Aqui era capoeira, mas acho que, se eu não me engano, não era do *Se Essa Rua*, não. Uns vinham dar aula de capoeira pra gente, outros davam aula de dança.

**Paulo:** É.

**Entrevistadora:** Você acha que mudou alguma coisa na sua vida depois que você começou a fazer o *Se Essa Rua*?

**Paulo:** Mudou um pouquinho, sim.

**Entrevistadora:** Que você acha que mudou?

**Paulo:** Ah! Sei lá. Aprendi mais coisas. Acho que até posso ensinar os meus amigos que conheço que não fazem aqui. Aí, eu posso ensinar algumas coisas.

**Entrevistadora:** O que você ensina a eles?

**Paulo:** Ah! Ensino os básicos do solo, a fazer jabolô (?).

**Entrevistadora:** E o que você mais gosta de fazer de todas as coisas do circo?

**Paulo:** Gosto de fazer trampolim e trapézio.

**Entrevistadora:** E aqui na comunidade você acha que mudou alguma coisa depois que o *Se Essa Rua* veio pra cá?

**Paulo:** Mudou

**Entrevistadora:** O que mudou?

**Paulo:** Porque aqui a maioria das crianças ficava fazendo besteira na rua. Agora eles vieram pro projeto. Já não estão tão bagunceiros como era na época. Na época, eles ficavam desligando o relógio da casa dos outros.

**Entrevistadora:** (risos)

**Paulo:** Até eu ficava, pra falar a verdade.

**Entrevistadora:** (risos) Você não desliga mais não?

**Paulo:** Agora não.

**Entrevistadora:** Você acha que mudou mais alguma coisa?

**Paulo:** Só isso só.

**Entrevistadora:** Então obrigada, viu.